

ENSINO POR GÊNEROS TEXTUAIS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE ESTUDANTES SURDOS: RELATOS DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS

*Teaching by text genres in bilingual education of deaf
students: reports of educational practices*



Camila Barreto Constantino¹
(INES)



Elaine Costa Honorato²
(INES)



Graciete Marcolina Figueiredo Coelho³
(INES)



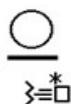
¹Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; cbarreto@ines.gov.br

²Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; elainecosta@ines.gov.br

³Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; graciete.substituto@ines.gov.br



Matheus Augusto Oliveira Medeiros⁴ (INES)



Resumo

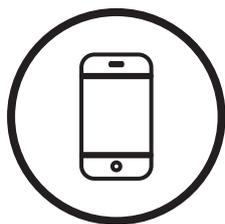
As práticas educacionais para o ensino de pessoas surdas, ao longo dos anos, vêm se consolidando no que se refere o ensino de perspectiva bilíngue. Com objetivo de apresentar as práticas pedagógicas e os referenciais metodológicos que norteiam o trabalho desenvolvido no setor de ensino fundamental, séries iniciais (SEF1), do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (CAP - INES), esse artigo, apresenta relatos de práticas educacionais de professores regentes, com o ensino que tem como base o trabalho por gêneros textuais.

Palavras-chave: Letramento para discentes surdos; INES; Escola para estudantes surdos

Abstract

Educational practices for teaching deaf people over the years have been consolidating with regard to teaching from a bilingual perspective. With the aim of presenting the pedagogical practices and methodological references that guide the work developed in the elementary education sector, initial series (SEF1), of the application college of the National Institute of Education for the Deaf (CAP - INES), this article presents reports of educational practices of leading teachers, with teaching based on working through textual genres.

Keywords: Literacy for deaf students; INES; School for deaf students.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK:**

https://youtu.be/SdF_1GOaOt0?si=fPGcqXjLk6dx_00R



Introdução

Tendo como língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e o ensino da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, o setor serviço de ensino fundamental - SEF1, que corresponde aos anos iniciais de aprendizagem, desenvolve como proposta educacional a educação através da interação por pares mais competentes como destaca Vigotsky (1991), trabalhando o auxílio de resolução de tarefas, na qual se destaca o nível real de aprendizagem que o discente se encontra, do nível potencial. Para Lodi, Bortolotti e Cavalmoreti (2014), é através das práticas sociais de linguagem inicialmente em sua primeira língua, no caso do ensino de perspectiva bilíngue, a Libras, que serão desenvolvidas práticas de letramento em sua segunda língua, a língua portuguesa, considerando os aspectos linguísticos, sociais, culturais e identitários que norteiam o ensino para estudantes surdos.

⁴Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; matheusoliveira@ines.gov.br

Entendemos também, que ao longo dos últimos anos, a escola vem abarcando discentes com necessidades educacionais e linguísticas ainda mais específicas e desafiadoras, logo, os docentes precisam ter o compromisso em desenvolver práticas condizentes com tais especificidades, o que torna a instrução ainda mais peculiar.

Nesse sentido, o ensino ofertado tem como premissa o estímulo e desenvolvimento de competências e habilidades linguísticas e sociais, para que se oportunize aos discentes uma aprendizagem significativa e fidedigna, que permita reflexões sobre o processo educacional e os elementos que norteiam a aprendizagem e aquisição da Língua Portuguesa como segunda língua, tendo como base de ensino os gêneros textuais. Para Marcuschi (2002), o discurso se manifesta através dos mais variados gêneros textuais, que geralmente são caracterizados por sua necessidade comunicativa.

Sendo assim, para efetiva produção de narrativas, se torna indispensável o trabalho educacional com os diversos gêneros presentes na sociedade, para que de fato o evento comunicativo possa ser construído pelos discentes em sua primeira e segunda língua. Enquanto educadores de estudantes surdos, temos a missão em desenvolver práticas e estratégias que possam formar sujeitos críticos, capazes de decidir e agir de maneira autônoma, para que atuem na sociedade como agentes de transformação de sua própria realidade.

2 Contextualização do ensino de perspectiva bilíngue para estudantes surdos

Ao compreendermos a concepção de linguagem como processo interacional e sociocultural, precisamos direcionar nossas intenções pedagógicas com propostas que abarquem os eventos comunicativos. Logo, no Setor de Ensino Fundamental (SEF1), que atende educandos nos anos iniciais de escolaridade, temos como proposta metodológica o ensino por gêneros textuais enquanto práticas discursivas com a premissa de ofertar um ensino que considere o desenvolvimento de competências comunicativas e que possa formar indivíduos capazes de atuar de maneira autônoma na sociedade, dentro de uma proposta bilíngue de ensino que tem a Língua de Sinais como língua de instrução e primeira língua (L1), e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua (L2).

Para que a articulação de elementos essenciais para o ensino de estudantes surdos aconteça, o docente precisa atuar numa perspectiva dialógica de ensino, na qual a interação entre pares mais competentes linguisticamente auxilia a resolução de tarefas e aproxima o nível real de aprendizagem em que o educando se encontra do nível potencial de aprendizagem, como destaca Vigotsky (1994). Dentro desta perspectiva de ensino, o presente artigo tem o objetivo de apresentar algumas práticas educacionais desenvolvidas tendo como base o trabalho com gêneros textuais. Fortes e Menezes (2018), destacam:

Vale ressaltar que, por se tratar dos primeiros anos de escolarização, o domínio do português escrito encontra-se em fase inicial de desenvolvimento, logo, elaborar atividades que abordem temáticas nas quais os alunos participem e vivenciem ativamente pode contribuir de maneira positiva para seu desenvolvimento escolar, bem como proporcionar maior fluência no desenvolvimento de sua L1 (Libras) para maior acessibilidade à L2 (português como segunda língua (Fortes; Menezes, 2018, p.131).

Sendo assim, o fazer pedagógico tem a premissa de desenvolver e intensificar a produção de discurso em sua L1, para dar base à produção na L2. As autoras Lodi, Bortolotti e Cavalmoreti (2014) destacam que os estudantes surdos participam das mais variadas práticas sociais de linguagem em sua L1 e L2, porém, tais experiências não podem se limitar apenas às competências da escrita na Língua Portuguesa.

Marocci e Nacarato (2013, p. 84) consideram que o professor, ao trabalhar com gêneros textuais, precisa ter clareza sobre seus objetivos, pois sua ação torna-se indispensável ao incentivo de produção de conhecimentos dos estudantes.

3 Práticas docentes no ensino fundamental 1: alguns percursos

A seguir apresentamos os objetivos trabalhados por uma das autoras desse artigo, a docente Elaine Costa Honorato, com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos e as estratégias utilizadas para alcançar esses objetivos.

3.1 É hora do calendário: objetivos e estratégias para a educação bilíngue

O gênero textual calendário é um conteúdo importante para a rotina escolar na educação básica, visto que o trabalho realizado diariamente com esse gênero contribui para o desenvolvimento em áreas do conhecimento como Língua Portuguesa e Matemática, além de auxiliar no aprendizado dos estudantes em relação a tempo cronológico, atividades do cotidiano e organização em sociedade.

É fundamental que a organização cotidiana social representada pelos dias da semana seja trabalhada na educação bilíngue com os estudantes surdos. Esse conteúdo deve ser abordado por meio da rotina diária e, para que se concretize o aprendizado eficaz do gênero textual calendário, é fundamental que exista um momento exclusivo para estudar o calendário, bem como é de extrema importância que o docente esteja atento a diversas situações que esse gênero textual proporciona, como feriados, finais de semana, datas de aniversário dos estudantes e eventos importantes da escola.

Conforme o relato de Marocci e Nacarato (2013, p. 84), é de extrema importância que o docente tenha total clareza sobre seus objetivos ao trabalhar o gênero textual calendário, pois assim o docente garantirá o aprendizado dos estudantes. Com base nisso, estão descritos nos itens a seguir os objetivos estabelecidos para o momento “É Hora do Calendário”, realizado todos os dias no primeiro tempo do dia na turma do 2º ano do Ensino Fundamental I do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

O gênero textual calendário apresenta a organização social, uma prática realizada diariamente em sala de aula que permite orientar os estudantes a se despertar para o aprendizado do calendário como guia social. Portanto, realizar essa prática por meio de indagações todos os dias no início da aula promove a aprendizagem por meio da memorização e do diálogo. Com as indagações, despertamos os alunos para o momento que estão vivendo hoje, enfatizando o mês, o dia da semana e o ano. É muito importante que essas indagações sejam iniciadas pelo docente, pois essa prática incentiva os estudantes a se manifestarem

e participarem da aula com as próprias experiências. Entretanto, é fundamental que esse momento seja realizado todos os dias para auxiliar na aprendizagem cronológica do tempo.



Fig 1: Acervo SEF1

A professora optou por realizar a prática cotidiana “É Hora do Calendário” com um calendário utilizado socialmente, já que o calendário comum é visualmente reconhecido em diversos espaços sociais, como no açougue, supermercado, farmácia, padaria, hospital e, nesse caso, na escola. Geralmente, esses calendários são fornecidos por estabelecimentos de forma gratuita, e é muito comum o estudante ter um calendário desse tipo na própria casa, tornando o aprendizado mais significativo. Embora esse gênero permita criar outras estratégias de aprendizagem, como desenhos e representações, o segundo ano do Ensino Fundamental I, da turma da professora Elaine Costa Honorato utiliza o calendário fornecido pela Indústria e Comércio de Doces Vila Nova, responsável pela marca de salgadinhos Fabitos:



Fig 2: Acervo SEF1

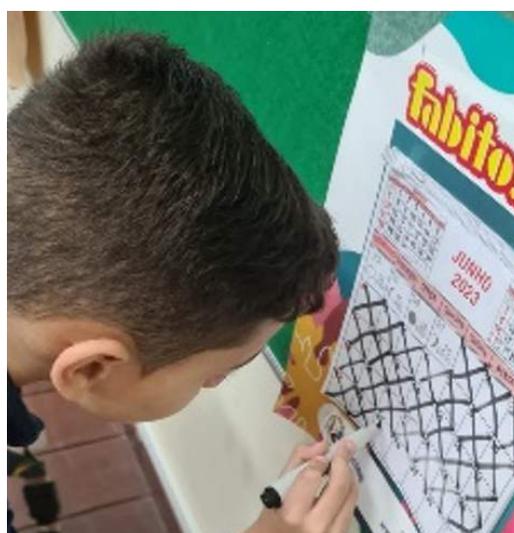


Fig 3: Acervo SEF1

Contribuindo com o pensamento de utilizar o calendário comum na prática educativa, Nacarato (2015, p. 73) revela que o professor deve considerar o contexto do aluno, de modo

que essa exploração tenha significado, que não seja feita apenas uma leitura superficial e sem sentido. Nesse processo, é importante que os alunos participem, de modo que eles sejam provocados, visando estimular sua curiosidade em relação ao gênero.

Identificar o tempo cronológico

Identificar o tempo cronológico implica orientar os estudantes a compreender o antes, o agora e o depois, bem como compreender o ontem, o hoje e o amanhã. Ao realizar o momento “É Hora do Calendário”, a professora pergunta: “Que dia da semana é hoje? Em qual mês estamos? O que fizemos ontem? E amanhã, como podemos organizar nosso dia?”. Caso o momento ocorra em uma segunda-feira ou após um feriado, é importante destacar: “O que você fez no final de semana: no sábado e no domingo? E, nesse feriado, conseguiu descansar? O que você fez?”.

A prática das perguntas sobre o tempo é enriquecedora, pois incentiva os estudantes a dialogar e socializar com os colegas sobre suas atividades do dia a dia. Esse momento pode ser iniciado pelo professor contando o que fez no final de semana. Exemplo: “Neste final de semana, levei meu cachorro para passear”. Ao fazer isso, o professor desperta no estudante a vontade de dialogar sobre o próprio final de semana, visto que esse exemplo faz com que o estudante se lembre do que fez e queira compartilhar com os colegas de turma.

A identificação do tempo cronológico permite também que o professor ajude o estudante a compreender a organização do nosso tempo em relação aos meses, dias dos meses, dias da semana, ano vigente, ano passado e ano que está por vir, uma sequência importante que pode ser utilizada para trabalhar as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Na Língua Portuguesa, é possível abordar a escrita por meio dos nomes dos meses e estações do ano, e a Matemática por meio da sequência numérica do calendário e do mês representado por datas como 17/07/1983. Em uma fase mais avançada, é por meio do ano de nascimento e vigente que se descobre a idade de cada pessoa, uma lógica de extrema importância para se considerar nesse gênero textual que transcende a interdisciplinaridade, não se limitando apenas aos conhecimentos da disciplina de Língua Portuguesa.

Destaca-se ainda que o diálogo estabelecido em língua de sinais enriquece ainda mais o vocabulário e a socialização de estudantes surdos, pois a rotina do calendário e as indagações cronológicas fazem com que os estudantes associem o calendário com o próprio dia a dia. Ao longo do tempo, o aprendizado pode ser percebido quando os estudantes se manifestam com afirmativas como “Ontem faltei” e “Amanhã não haverá aula”. É por meio dessas simples locomoções do tempo e do cotidiano que se nota o aprendizado. Nas imagens abaixo, os alunos demonstram os sinais de ano e segunda-feira.



Fig 4: Acervo SEF1



Fig 5: Acervo SEF1

3.2 Aprendizagem significativa: identificar a data de aniversário

Como mencionado anteriormente, é muito importante que o docente esteja atento a datas relevantes, como o aniversário dos estudantes da turma, feriados e datas comemorativas sociais e fundamentais da escola. No presente contexto, deve-se trabalhar o gênero textual calendário abordando o aniversário dos estudantes da turma do 2º ano do Ensino Fundamental I do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Por meio do contato com o calendário, os estudantes tomam conhecimento sobre a data do próprio nascimento, a idade em que se encontram e a idade que terão. A professora inicia indagando a idade de cada estudante, a idade que ele completará no ano vigente e, principalmente, se o estudante sabe o dia do próprio aniversário. É importante explorar essa data mencionando que é nesse dia que o estudante nasceu, e assim várias questões surgem durante a identificação do dia do aniversário. Como marco de identificação da data, a docente solicita que cada estudante registre seu aniversário pintando a data no calendário estudado com a turma e que cada estudante faça o desenho de um bolo no dia em que nasceu.

Esse momento deve ser reforçado todos os dias, visto que a prática de lembrar a data em que os aniversários são marcados no calendário auxilia na memorização de diversas informações importantes, como “Em que ano eu nasci, em que ano estamos, qual é a minha idade neste ano, qual é a minha idade no ano que vem, em que mês eu nasci e em que dia e mês meu colega de turma nasceu”. Todas essas questões são importantes para o entendimento sobre a identidade e devem ser estudadas por meio do gênero textual calendário.



Fig 6: Acervo SEF1



Fig 7: Acervo SEF1

Também é importante destacar que a rotina “É Hora do Calendário” na educação bilíngue deve ser explorada por meio de diferentes linguagens para a compreensão do tema abordado. Por exemplo, se um dia próximo das férias ou um feriado específico for mencionado, tudo o que se pode explorar sobre o tema deve ser pontuado com riquezas de detalhes, como “Em julho, teremos férias; nas férias, temos aula? O que podemos fazer durante as férias? No feriado de Páscoa, o que costumamos ver de diferente nas ruas? Você gosta desse feriado, por quê?”. Essas indagações permitem que o docente e o estudante explorem diferentes linguagens e compreendam o tema “feriado e férias” de várias formas.

Outra questão importante são os marcos de escrita e atividades no caderno de sala que envolve o mês. A cada início do mês, a professora realiza uma atividade que permite aos alunos entenderem que uma nova etapa é iniciada. Nesse caso, os estudantes podem marcar um “x” no dia em que estão utilizando o caderno e acompanhar todas as atividades por meio do calendário colado no caderno. No ano vigente, a professora utilizou o calendário da Turma da Mônica, conforme ilustração abaixo. O calendário traz uma ilustração da data mais importante de determinado mês, como o Carnaval em fevereiro, o Natal em dezembro e assim por diante.



Fig 8: disponíveis em: <https://atividadeseducativas.net.br/calendarios-turma-da-monica-2023>

O mês de fevereiro tem 28 dias e a cada 4 anos tem 29 dias. Em sala de aula, se houver um estudante que faz aniversário no dia 29 de fevereiro, é interessante abordar a especificidade do ano bissexto e estabelecer comparações usando os conceitos de “maior” ou “menor” ajudando os estudantes a observarem que existem meses com 30 dias e outros com 31 dias. Também é possível trabalhar a sequência numérica, quantos dias tem o final de semana e a semana, além de conceitos como “antecessor” e “sucessor”, que são conteúdos importantes da disciplina de Matemática.

Diante da rotina da turma do 2º ano do Ensino Fundamental I da professora Elaine Costa Honorato no Instituto Nacional de Educação de Surdos, é possível destacar a importância e a quantidade de conteúdos que podem e devem ser trabalhados com o gênero textual calendário, bem como o auxílio que esse conteúdo traz em sala de aula para o aprendizado sobre a organização cronológica e social, um conteúdo muito importante na educação bilíngue. Além disso, por se tratar de educação bilíngue, é extremamente importante que toda a comunicação seja o mais visual possível, despertando interesse e sentido para os estudantes surdos.

A seguir, o trabalho desenvolvido com a turma da professora Graciete Marcolina Figueiredo Coelho, outra autora desse texto, com uma turma também do segundo ano de escolaridade. O gênero textual escolhido também foi o calendário, componente curricular deste ano de escolaridade.

3.3 Compreender a rotina como prática social

Práticas de ensino sobre o uso constante do gênero textual calendário de forma interdisciplinar são desejáveis, principalmente no ensino de matemática. Entendemos que o calendário como um gênero textual na medida em que tem como finalidade nos orientar em questões ligadas ao tempo, ou seja, no planejamento cotidiano de nossa vida em sociedade. O calendário que utilizamos em sala de aula tem como objetivo ser significativo, onde os alunos o preenchem de forma interativa. O calendário tem como aspectos composicionais a indicação bilíngue, como os nomes dos meses do ano, os dias da semana representados numericamente e informações sobre como está o tempo. Portanto, iniciamos as atividades mostrando aos alunos o calendário tradicional, onde os alunos marcavam a data com um “X” apenas para compreenderem sobre a organização e sua funcionalidade, como apresentado a seguir:



Fig 9: Acervo SEF1



Fig 10: Acervo SEF1

Visto que os alunos já tinham a compreensão da organização e da funcionalidade do calendário, apresentamos o calendário significativo, onde eles eram convidados a preencher numericamente, ilustrando como estava o tempo e assinando o nome embaixo.

Nas imagens abaixo, podemos perceber a evolução nas informações contidas nos calendários, tendo sido acrescentadas mais informações, à medida que os estudantes iam adquirindo mais conhecimentos em relação ao gênero.



Fig 11: Acervo SEF1



Fig 12: Acervo SEF1

Ainda na sequência, contextualizando com o gênero textual calendário, trabalhamos com o quadro de horários da turma 211, que tem como objetivo estabelecer a rotina da semana norteando os alunos sobre os dias da semana em que cada professor dará aula e os dias que não tem aula (sábado e domingo). O quadro possui fotos dos alunos sinalizando os dias da semana, sinal de casa para sábado e domingo, sinal do SEF1 para os dias de aula e a foto dos professores da turma com o seu sinal, posicionadas nos dias que darão aula para a turma. Esse quadro foi confeccionado com material imantado com fotos plastificadas para que os estudantes possam manuseá-las organizando de acordo com as orientações da professora.

Além disso, utilizamos também o quadro de aniversariantes do mês que tem como objetivo

identificar o dia do aniversário no calendário significativo e reconhecer o a representação das comemorações e festas escolares, diferenciando das datas festivas que são comemoradas no âmbito familiar ou entre amigos, como disposto na imagem a seguir:

Faz parte do planejamento da professora Graciete comemorar em sala de aula os aniversários dos estudantes, possibilitando trabalhar a sequência de forma interdisciplinar, números, dias da semana, meses, anos, horas, nomes comuns e próprios, além de outros gêneros textuais como convite.

Em conclusão, percebemos que o gênero textual calendário é de suma importância de ser trabalhado em sala de aula de forma constante, pois é muito presente em sala de aula, principalmente nos anos iniciais de ensino. Logo, faz-se necessário trabalhar esse gênero de forma sistematizada para que o professor possa explorar toda a sua potencialidade, tanto na matemática quanto em outras áreas do conhecimento. Em virtude do que foi mencionado, concluímos que trabalhar de forma sistemática e reflexiva com o gênero textual calendário pode auxiliar na aprendizagem de forma interdisciplinar, principalmente na área da matemática, de forma lúdica e dinâmica. Trata também da importância dos alunos vivenciarem situações que explorem noções de tempo, como antes/depois, ontem/hoje/amanhã, dia/mês/semana entre outros.

A seguir, o trabalho pedagógico com o gênero textual maquete desenvolvido pelo professor Matheus Augusto Oliveira Medeiros, que ministra aulas com duas turmas do 4º ano de escolaridade.

3.4 Gênero textual maquete e práticas discursivas

Trabalhar diretamente com alunos surdos requer, acima de tudo, um conhecimento profundo da Língua de Sinais, a qual constitui o meio primordial de comunicação para esse grupo. No entanto, essa abordagem não pode ser homogênea, visto que a fluência em Língua de Sinais varia consideravelmente entre os alunos. Nesse contexto, é incumbência dos professores adequar suas práticas educacionais para atender às necessidades individuais, criando um ambiente inclusivo que possibilite e potencialize o aprendizado de todos.

A Língua de Sinais, sendo o alicerce comunicativo para os surdos, deve ser dominada pelos educadores a fim de estabelecer uma comunicação eficaz. Além disso, é crucial evitar vícios de linguagem, como o uso do mesmo sinal repetidamente, pois observa-se a ênfase excessiva de certas ideias ou o uso exacerbado do português sinalizado. Por exemplo, o sinal de “entender” ou até mesmo o “então” acabam sendo utilizados de maneira análoga aos vícios de linguagem na língua oral, como os cacoetes “né” ou “então”. Priorizar a estrutura da Língua de Sinais, promove a compreensão e valoriza a identidade linguística e cultural dos alunos.

No que tange às estratégias pedagógicas, a contextualização emerge como uma ferramenta fundamental. O processo de ensino deve ser ancorado em situações e exemplos relevantes para a vida dos alunos, conferindo significado ao aprendizado. A visualidade, característica intrínseca à Língua de Sinais, pode ser empregada para elucidar conceitos complexos e facilitar a compreensão. Outra abordagem eficaz é a integração do conteúdo

ao cotidiano dos alunos. A associação de conceitos com situações reais contribui para um aprendizado mais profundo e prático. Essa estratégia cria vínculos entre o conhecimento adquirido e sua aplicação na vida real. Em meio a essa diversidade, os professores devem ser flexíveis e adaptáveis, considerando as necessidades individuais dos alunos. A customização das abordagens de ensino, a oferta de suporte adicional e a promoção de um ambiente inclusivo são passos cruciais para garantir que cada aluno alcance todo o seu potencial.

O ensino voltado para alunos surdos demanda uma abordagem sensível e adaptativa. A proficiência na Língua de Sinais e a contextualização emergem como fundamentais para o sucesso educacional. Ao comprometer-se com a fluência em Língua de Sinais e ao estabelecer ligações significativas com a realidade dos alunos, os educadores podem proporcionar um ensino de qualidade que respeite e valorize a singularidade de cada aluno surdo.

No contexto da educação de surdos, a implementação de estratégias de ensino visual desempenha um papel crucial na promoção do aprendizado significativo e inclusivo. Ao aplicar atividades em uma turma de alunos surdos, a apresentação prévia do conteúdo assume uma importância significativa para estabelecer a devida contextualização. É fundamental adotar recursos visuais tangíveis e ancorados na realidade, evitando imagens do tipo: desenho ou cartoons. Ao utilizar ferramentas como o *Google Earth*, por exemplo, e direcionar o olhar para aspectos específicos do conteúdo, como paisagens naturais e modificadas, possibilita-se enriquecer a compreensão dos alunos. Por exemplo, explorar a evolução de locais familiares por meio de imagens reais do antes e depois pode ressaltar as mudanças ocorridas ao longo do tempo, estimulando uma compreensão mais profunda.

Na elaboração de uma das atividades práticas do professor Matheus Augusto Oliveira Medeiros, um dos autores desse texto, houve um grande engajamento por parte dos alunos para a construção de uma maquete com a temática “Paisagem natural e modificada”, feita com o uso de materiais reciclados. A família dos alunos desempenhou um papel fundamental em parceria com o setor de ensino para a arrecadação dos recursos como sucata e materiais recicláveis, indispensáveis para a execução da atividade.

Essa estratégia prática envolveu a criação de experimentos, elaboração de maquete representando paisagens naturais e modificadas. Ao propor essa atividade, os alunos surdos demonstraram notável interesse e engajamento na aprendizagem dos conteúdos curriculares, que tiveram como referência a construção da maquete. Participar da construção da maquete lhes proporcionou uma oportunidade de exercer autonomia e expressar sua criatividade. Ao representar visualmente as paisagens, os alunos não apenas consolidaram os conceitos abordados, mas também adquiriram habilidades práticas na elaboração e representação de ideias. Essa abordagem prática permitiu que os alunos surdos se envolvessem plenamente no processo de aprendizagem, desenvolvendo habilidades cognitivas e significativas como práticas discursivas, condizentes com a sociedade atual e seu desenvolvimento.

Seguindo o plano curricular estabelecido pela instituição, voltado para o 4º ano do ensino fundamental, o tópico abordado durante a aula foi “paisagem natural e paisagem modificada”. Este tema nos conduz a compreender que uma paisagem natural é aquela que não sofreu intervenção humana, enquanto a paisagem modificada é aquela que foi alterada devido à ação do ser humano, como o desmatamento, por exemplo.

No início da aula, foi introduzido o conteúdo a ser discutido. A temática das paisagens naturais e modificadas foi apresentado e discutido, e foram fornecidos exemplos de paisagens naturais, como praias, florestas e trilhas. Foram feitas indagações aos alunos para verificar se eles já estavam familiarizados com esses locais e até mesmo se conheciam os sinais que os representavam. As respostas foram positivas, o que permitiu prosseguir para a abordagem das paisagens modificadas. Foram dados exemplos de paisagens que sofreram ação humana, tais como grandes cidades, construções urbanas e áreas onde a presença de florestas foi extinta.

Através desse diálogo inicial, foram utilizados recursos visuais, como imagens em meios eletrônicos, para o contato com diferentes formas de representação. Após essa apresentação, os alunos foram orientados pelo professor a criar desenhos ilustrativos que representassem os conceitos de paisagem natural e paisagem modificada. A intenção era permitir que os alunos expressassem livremente seu entendimento sobre o assunto, sem a necessidade de seguir um modelo determinado. Observou-se uma diversidade significativa nos desenhos, evidenciando as diferentes interpretações dos alunos sobre o conceito de paisagem. Embora os desenhos não apresentassem um padrão uniforme, as ideias dos alunos puderam ser claramente percebidas, compreendidas e debatidas.



Fig 13: Acervo SEF1



Fig 14: Acervo SEF1

A imagem acima retrata a atividade realizada pelos alunos, conforme a solicitação proposta. Em um lado da folha, encontra-se a representação da paisagem natural, enquanto no outro lado, encontra-se a representação da paisagem modificada.

É importante destacar que o ambiente escolar é um espaço onde a diversidade é uma constante, incluindo alunos com diversos tipos de necessidades e desafios, além da surdez. Com o intuito de garantir a igualdade de oportunidades para todos os alunos, a mesma atividade foi proposta também aos alunos com necessidades educacionais específicas, como disposto na imagem a seguir:

Conforme apresentado na imagem acima, é perceptível que, de maneira abstrata, o aluno compreendeu a proposta de representar as duas paisagens em uma mesma folha, cumprindo a divisão proposta. As escolhas de cores e traços feitos pelo aluno demonstram sua intenção ao executar a atividade.

Com o intuito de aprofundar a compreensão sobre o conceito de paisagem natural e modificada, em um diálogo colaborativo com a turma, surgiu a ideia de criar uma maquete

utilizando materiais reciclados que fazem parte do nosso cotidiano. Utilizando os recursos tecnológicos disponíveis em sala de aula, foram apresentados aos alunos exemplos do que poderia ser feito com esses materiais na construção da maquete. Em seguida, os alunos foram orientados a solicitar esses materiais aos seus responsáveis, em reforço via bilhete escolar feito pela orientação pedagógica.

Em parceria com outros professores da instituição, a construção da maquete não se restringiu à sala de aula, mas se estendeu a um espaço mais amplo e rico com diversos materiais para a elaboração da maquete. Nesse processo, nenhum comando específico foi dado aos alunos além da diretriz de criar uma maquete que representasse as duas paisagens abordadas, utilizando os materiais de maneira livre. Toda a atividade foi realizada sob a supervisão atenta do professor, garantindo a segurança e o direcionamento necessário. Esse projeto multidisciplinar proporcionou aos alunos a oportunidade de explorar a criatividade, o trabalho em equipe e a aplicação prática dos conceitos aprendidos em sala de aula. Através da construção da maquete, os alunos puderam colocar em prática suas percepções individuais sobre paisagem natural e modificada, desenvolvendo assim o aprendizado de forma significativa.

Nas imagens apresentadas a seguir, fica evidente a criatividade e a organização dos alunos na composição da maquete.

Cada elemento foi cuidadosamente escolhido e disposto de forma a representar as paisagens natural e modificada de maneira clara e expressiva. É notável o engajamento dos alunos na realização da atividade, e a adequação na utilização dos recursos para confecção da maquete.



Fig 15: Acervo SEF1

É interessante observar como o objetivo inicial de explorar o conceito de paisagens ultrapassou os limites da sala de aula, abrindo espaço para uma discussão mais ampla sobre a conscientização ambiental e a percepção dos alunos em relação à sociedade atual. Através da construção da maquete, os alunos não apenas compreenderam as diferenças entre paisagem natural e modificada, mas também refletiram sobre a relação entre a ação humana e o meio ambiente.

Considerações Finais

As diversas formas de representação presentes na sociedade precisam estar inseridas no trabalho pedagógico, logo o trabalho com os mais variados gêneros textuais possibilita a produção de discurso, como nos diz Marcushi (2002). É através do trabalho com gêneros que peculiaridades linguísticas podem ser apresentadas, discutidas e assimiladas pelos discentes. O desenvolvimento das atividades educacionais tendo como base o uso de gêneros e a imersão nos textos que circulam pela sociedade, promove ações que levam à reflexão, justamente por colocar os estudantes em uma função em que o conhecimento vai sendo construído na interação com seus pares.

Para Reily (2003), existe a necessidade de educadores da área da surdez estarem atentos no que remete à escolha dos gêneros textuais que permeiam a sociedade e a construção de significados para a formação futura de leitores competentes, nas diversas manifestações da linguagem existentes. Para além da mera exposição dos conteúdos, a escolha das imagens também precisa nortear o que o docente tem como objetivo na construção de significados.

Enquanto educadores de estudantes surdos, principalmente nos anos iniciais de escolaridade, existe a preocupação em formar sujeitos capazes de opinar, de ter tomadas de decisões e ações na vida social e acadêmica de forma autônoma, atuando como agentes de transformação de sua própria realidade.

Referências

- FORTES, C.B.C; MENEZES, P. C.M. Práticas de ensino bilíngue para surdos nas séries iniciais. *Revista Fórum*, Rio de Janeiro, n. 38, jul-dez, 2018.
- LODI, A. C. B; BARTOLOTTI, E. C. B; CAVALMORETTI, M. J. Z. Letramentos de surdos: práticas sociais de linguagem entre duas línguas/culturas. *Bakhtiniana*. São Paulo, 9 (2): 131-149, Ago/Dez. 2014.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MAROCCI, L. M; NACARATO, A. M. Gêneros Textuais nas Aulas de Matemática: Ferramentas para a Comunicação e a Elaboração Conceitual. In: *Indagações, reflexões e práticas em leituras e escritas na educação matemática*. 1ª ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 83- 103, 2013.
- REILY, L. H. Imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). *Cidadania, surdez e linguagem*. São Paulo: Plexus, 2003.
- VIGOTSKY, L. S.; COLE, M.; CIPOLLA NETO, J.(Trad.) *A formação social da mente: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.